

A FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DOS ANOS 30 NO RIO DE JANEIRO

Autores: Jane Dutra Sayd, prof. Adjunto Instituto de Medicina Social da Universidade Estado do Rio de Janeiro.

janes@ims.uerj.br

Lucia Grando Bulcão aluna doutorado em Saúde Coletiva UERJ

luciabulcao@yahoo.com.br

Lizete Pontes Macário Costa aluna Doutorado Saúde Coletiva UERJ macarios@ig.com.br

Apresentação

Os anos 30 foram ricos para o campo médico no Rio de Janeiro. A Escola de Medicina completou seu centenário em 1932. No mesmo ano, a eleição para a Presidência da Sociedade de Medicina e Cirurgia terminava em polêmica, com seus resultados contestados e renúncia da chapa eleita (Queiroz, 1995). Em 1931, o cirurgião Pedro Ernesto foi nomeado prefeito e montou a estrutura básica de atendimento médico no Distrito Federal, entre protestos e apoios da classe médica, uns contra o atendimento quase gratuito ou gratuito a lhes tirar a clientela potencial, outros favoráveis às medidas de proteção social incipientes.

Em meio aos acontecimentos, um grupo de profissionais toma uma iniciativa inusitada: fundar uma nova escola médica, privada. Que médicos compõem este grupo, o que os motivou, a que anseios uma Faculdade de Medicina viria responder, são as primeiras perguntas que surgem quando se pensa em encetar uma memória da Faculdade de Ciências Médicas, hoje da UERJ, fundada em 1935/36. Os relatos dos próprios fundadores (Álvaro Cumplido de Sant'Anna, 1967) não fornecem muitas pistas a respeito. É necessário, para tentar responder a estas perguntas, sair do âmbito da própria escola e seus fundadores e olhar o meio à volta: tentar, não uma história factual de sequências de eventos que se seguem em lógica interna, mas procurar entender o processo social em que estes eventos adquirem um sentido.

O campo médico no Rio de Janeiro era restrito. Seus templos, onde a elite trabalhava e dava mostras de erudição e habilidades consideradas geniais eram poucos; Pedro Nava (1983) os aponta: o Hospital do Pronto Socorro, hoje Souza Aguiar, era o hospital por excelência, onde clínicos davam mostras de saber em diagnósticos fulminantes e cirurgiões operavam emergências em casos limite, admirados por seguidores e rivalizando-se em equipes de plantão. O posto de médico do Pronto Socorro era disputado, como local onde membros da elite médica se encontravam e se reconheciam. Ao sair do plantão, os colegas se encontravam em mais dois lugares: a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, chamada a Praia (trata-se do prédio já demolido situado à Praia Vermelha), e a Academia Nacional de Medicina. Esta não seria, exatamente, local de convívio cotidiano importante. Coelho(1999) aponta o baixo número de frequentadores em suas sessões, mas, mesmo assim era uma instituição de peso; a disputa em torno das cadeiras, acirradíssima,

revela o quanto ser seu membro trazia um estatuto de glória para o profissional. A Sociedade de Medicina e Cirurgia, aberta a todos, era, com certeza, mais movimentada, mas sem auras místicas para sua diretoria, apenas um local de discussão de questões corporativas e científicas.

Neste ambiente restrito, os médicos fundadores da Faculdade Ciências Médicas, listados por Sant'Anna, são encontrados em vários lugares: membros da Academia Nacional de Medicina, atuantes no conselho Científico e nas comissões editoriais responsáveis pelos Anais e Boletins. Na Sociedade de Medicina e Cirurgia, igualmente, se sucedem nas diversas gestões em cargos de comissão científica e editorial. Alguns escrevem e publicam livros com alguma frequência, não só livros médicos. O próprio fundador, Rolando Monteiro, é um especialista em Camões e publicou, posteriormente, análises sobre os Lusíadas e várias coletâneas de discursos e ensaios.

São jovens, bem sucedidos, atuantes. E na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, lá estão seus nomes, como livre docentes e assistentes (Magalhães, 1932). Mas, e esta é uma hipótese de trabalho, não há vagas para eles nos postos mais importantes deste campo restrito: nenhum deles é catedrático na “Praia”. Nenhum deles está nas presidências e diretorias imediatamente a elas ligadas, seja na Academia, seja na Sociedade de Medicina e Cirurgia. Estão, alguns, Pedro Nava (1983) os cita, também nos plantões do Pronto Socorro, como campeões da arte (um deles, Genival Londres, é chefe de plantão de Pedro Nava). E partem, sinais dos tempos e de que este campo médico está a deixar de ser tão restrito, para a criação e desenvolvimento de um espaço próprio, onde podem ser catedráticos e expor seu conhecimento e brilhantismo sem serem ofuscados pelos medalhões já estabelecidos. A noção de que a iniciativa de formar uma escola médica privada pode ter fortes motivações nas aspirações de um grupo à cátedra também está presente na história da Escola Paulista de Medicina, apresentada por ----.

Curiosamente, e de forma casual salvo melhor juízo, esta Faculdade teve seu destino entrelaçado com o do Prefeito Pedro Ernesto. Ao ser fundada, ele ainda era Prefeito do Distrito Federal e cirurgião de enorme prestígio, e seu nome consta da lista de fundadores – mais provavelmente em manobra para aumentar as bases de apoio da escola – mas um apoio polêmico, haja visto que sua construção de unidades de saúde provocava protestos na classe médica, e que terminou deposto por Getúlio Vargas. Anos mais tarde, a faculdade recebeu o Hospital Pedro Ernesto como hospital de clínicas. Este havia sido planejado pelo próprio Prefeito como o hospital de referência para todas as emergências da cidade; a construção já estava iniciada quando foi deposto, mas as obras se arrastaram e sua inauguração só se deu em 1950. A Faculdade e o Prefeito se reencontraram em 1961, quando o governador Carlos Lacerda fundou a Universidade do Estado da Guanabara a partir da antiga UDF, dos anos 50 (Mancebo,1996) e transferiu o hospital para a nova Universidade.

Pressupostos teóricos

A hipótese de trabalho levantada na apresentação traz, embutida, uma proposição metodológica, que se desenvolveu após uma aproximação empírica às primeiras informações coletadas. A proposição é de realizar um estudo histórico apoiado em categorias teóricas apropriadas da sociologia, como forma de contextualizar com maior riqueza e rigor as seqüências de fatos a serem analisados. A prática de se recortar análises históricas com categorias sociológicas ganha cada vez mais terreno, com base na noção de que “teoria sem história e história sem teoria terminam por não fornecer compreensão nem do passado nem do presente” (Burke,1992)

A primeira noção, necessária para um entendimento do processo de formação da Faculdade em tela que não caia na explicação voluntarista de realização dos desejos de um líder e seus seguidores, é a de campo, tal como formulada por Bourdieu (1989). Um campo social, ou seja, um *locus* de atividade em que se estabelecem relações sociais próprias, conflitos específicos e disputas de poder. É uma formulação que permite escapar da dicotomia – externalismo x internalismo, categorias freqüentemente apontadas como excludentes nas ciências sociais. Com este conceito como ferramenta, é possível inserir a história da escola em um contexto social específico sem cair em generalizações excessivas, que explicariam a escola pelo macro processo de desenvolvimento do país, mas também sem se restringir às explicações de história factual, pobres e descontextualizadas (Le Goff, 1984).

O que se chama neste projeto de campo médico do Rio de Janeiro é um *locus* relacional, onde se estabelecem laços, conflitos, alianças e divisões com uma dinâmica própria, mas, simultaneamente, onde influências de outros campos se fazem visíveis, em realizações concretas e específicas ao campo estudado. A noção é fecunda, e não pode ser construída e finalizada *a priori*. Bourdieu é enfático neste aspecto: os limites de um campo, os momentos em que cessam os seus efeitos são uma construção de pesquisa, uma delimitação que se realiza ao trabalhar informações e organizá-las como fatos sociais de caráter relacional.

Esta delimitação define a estrutura do projeto, e conforma a coleta de dados e as categorias de análise do material empírico. Poder-se-ia tentar entender, por exemplo, as razões da escola a partir do contexto educacional mais geral da época, ou de possíveis razões econômicas ligadas ao desenvolvimento da nação. Essas instâncias participaram, sem dúvida, do processo; o incremento da urbanização e decorrente crescimento de setores médios da população na era Vargas foram, possivelmente, essenciais para que a nova faculdade tenha garantido seu contingente de alunos, inclusive pagantes, à época. O contexto educacional se revelaria, certamente, mais pobre de informações e explicações. É de se lembrar a fragilidade, no aparelho de estado, do próprio Ministério da Educação e Saúde, e da tentativa, fracassada, de Pedro Ernesto fazer a sua UDF segundo o projeto de Anísio Teixeira.

Por outro lado, a busca pura e simples de mais uma fonte de renda para os médicos envolvidos apresenta-se como improvável. Embora os docentes da nova escola utilizassem as dependências dos serviços em que trabalhavam como hospitais de ensino, a necessidade de uma sede fixa, com salas de aula e laboratórios – por precários que fossem – já tornava o empreendimento muito caro, e complexo o suficiente para não se esperar dali lucros compensadores.

A profissão médica já está porém, a esta época, solidamente estabelecida, se não em todo o país, certamente no Distrito Federal. Entre os médicos se encontram disputas, por liderança nas associações, por prestígio entre as cadeiras vitalícias da Academia, por poder nas cátedras da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e nas chefias dos serviços dos hospitais da cidade. Aqui se pode ensaiar uma primeira delimitação empírica: esse campo é do Rio de Janeiro porque fatos médicos no restante do país, mesmo que importantes localmente e até relacionados em nível internacional – como a fundação da Escola de Medicina da USP não o influenciam. Neste sentido, um campo médico brasileiro traria imediatamente à cena a hegemonia do Distrito Federal como elemento relacional primordial, mas isto não nos ajuda a entender a escola, daí um campo mais restrito.

A corporação tem, nos anos 30, laços estabelecidos com o aparelho de estado e possui instituições consideradas tradicionais como a Academia Nacional de Medicina. A própria Sociedade de Medicina e Cirurgia, tão mais democrática do que a Academia, já tem 50 anos de idade em 1935. Este quadro está bem delineado por Pedro Nava, nos volumes de memórias que produziu, principalmente *O Galo das Trevas* (1987) e *O Círio Perfeito* (1983). Coradini (1996) por sua vez, aponta o quanto esta corporação se aproveita do prestígio e mantém a tradição das elites brasileiras de se apropriar das instituições de estado em prol de interesses particulares, mostrando o próprio Nava conseguindo emprego através de “pistolões” junto a Pedro Ernesto. Em nosso caso, Sant’Anna fala candidamente da possibilidade dos alunos freqüentarem os serviços em que os professores eram chefes – todos, naturalmente, hospitais públicos, sem que houvesse necessidade de pedir licença a ninguém. Do mesmo modo, comenta que a autorização de funcionamento da nova faculdade é obtida por influência de um dos seus fundadores junto aos primeiros escalões do governo Vargas. Para culminar, outro prefeito do distrito Federal, Henrique Dodsworth, se torna sócio do empreendimento – Sociedade Anônima Faculdade de Ciências Médicas - ainda em 1936, logo após sua posse, fato sugestivo da presença constante de laços entre a corporação médica e o desenrolar das disputas pelo poder político.

Essas observações, porém, se caracterizam a manutenção, na corporação médica, de tradições enraizadas na elite brasileira, não lhe tiram a especificidade: fossem da elite mas não médicos, e não teriam desejo de afirmar sua proficiência ou independência por meio da formação de

uma Faculdade. A melhor hipótese a explicar o processo de formação desta escola é a da busca de ampliar espaços neste campo médico, estabelecer novas posições, de início contra-hegemônicas frente aos nomes mais tradicionais da categoria, e mais tarde de ampliação mesmo do espaço de poder: os catedráticos mais prestigiosos da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (nome posterior da escola de D. João VI) terminam por se render ao sucesso da Faculdade Ciências Médicas e aos poucos prestam concursos, tornando-se seus catedráticos, logo, colegas em pé de igualdade com o antigo grupo rival. É uma aliança. A faculdade e os novos nomes ganham prestígio, os antigos nomes mantêm o seu, e o espaço da elite, pode-se dizer, ganhou mais “vagas”. Pedro Nava, que cita a Faculdade Ciências Médicas de modo pejorativo como “Escola das Artes Médicas Reformadas” diz, ironicamente, que para virar catedrático bastava comprar ações da Sociedade Anônima. Descreve assim a ocasião em que Genival Londres se torna um deles: após comprar as ações, ganhou a cátedra por dirimir uma briga na Academia em que se os querelantes, entre eles Rolando Monteiro, apelidado por Nava de Couceiro Peralta, chegaram às vias de fato.

É a noção de campo médico, portanto, o pano de fundo a orientar a análise dos dados e fatos relativos à formação da Faculdade Ciências Médicas e sua evolução no tempo. Espera-se no entanto que este conceito perderá força como elemento analítico para o período do final dos anos cinqüenta; à medida em que se desenvolve a sociedade civil brasileira, aumentam a urbanização e o número de médicos, o campo médico progressivamente se dilui sob determinações mais amplas da conjuntura política e econômica. Ao interior da própria corporação, o aumento de profissionais, sua progressiva fragmentação em grupos de especialistas e o aumento das vagas nas escolas diminui a coesão relacional indispensável para se estruturar um campo neste sentido sociológico. Persistirão, sem dúvida, uma cultura corporativa e seus valores, mas muitas outras determinações passarão a influenciar também os rumos desta ou aquela iniciativa profissional. Estas serão as preocupações relativas à compreensão de um momento muito especial, o da incorporação do Hospital Pedro Ernesto à Faculdade de Ciências Médicas já no âmbito da organização da UEG, no governo Carlos Lacerda. Para melhor entender este processo, uma busca mais ampla junto a fontes será necessária. Trata-se de cruzar informações entre as expectativas dos professores, os movimentos executados pela escola, inscritos nas Atas, as formulações de governo em torno da organização da nova Universidade e as tratativas com a Secretaria de Saúde para ceder o Hospital à Escola.

O desenvolvimento da Universidade do Estado da Guanabara – UEG, e a maior visibilidade social da questão educacional no país submeterão, provavelmente, a faculdade e seu desenvolvimento a um novo ponto de tensões, agora entre a universidade e os professores médicos. É uma tensão tradicional e conhecida, entre o que se poderia chamar mentalidade clínica e mentalidade escolar ou acadêmica (Freidson, 1970). Decorre daí uma outra questão de caráter conceitual: as melhores categorias para se analisar os fatos, as disputas, as decisões tomadas, serão

aquelas criadas para se entender a posição social do profissional – categorias da sociologia das profissões, tanto ao se utilizar a noção de campo quanto ao imergi-las em contexto mais multifacetado.

O emprego destes conceitos para estruturar teóricamente análises históricas não é inédito. Burnham (1992) apontou o interesse crescente de historiadores da medicina no emprego de conceitos e teorias da sociologia das profissões. De forma um tanto jocosa o autor se interroga sobre o interesse dos historiadores por matéria velha (para ele os historiadores são como abutres, só se interessam por detritos), uma vez que estes conceitos e teorias entraram em crise no campo propriamente da sociologia e são relativamente pouco trabalhados hoje. No Brasil, Coelho realizou um trabalho histórico nestes moldes, sobre o desenvolvimento das profissões “imperiais” – medicina, engenharia e direito. Pereira Neto tem trabalhado com a história de algumas instituições médicas, como o Sindicato e o Conselho utilizando a teoria das profissões. Nos aspectos mais específicos da formação profissional, Rego utilizou a teoria das profissões para pesquisar a atividade extracurricular do estudante e seu processo de socialização na escola, ligado à adesão aos códigos de conduta da corporação. Bulcão (2000), também trabalhando a formação médica na ótica da sociologia das profissões apontou para a preponderância dos valores e crenças profissionais entre os docentes médicos, em detrimento de posturas definidas pedagogicamente.

Bibliografia

- ALMEIDA, Márcio José de. *Educação Médica e Saúde: Possibilidades de Mudança*. Londrina: ed. UEL; RJ: ABEM, 1999.
- BECKER, HS & GEER B, HUGHES, EC, STRAUSS, A. *Boys In White: Student Culture In A Medical School*, 3aImp., 1aEd. 1961, University of Chicago Press, Chicago, 1984.
- BONNER, T. N.S Searching for Abraham Flexner. *Academic Medicine* 73(2):fev.98,160-166
- BOURDIEU,P *O poder simbólico*. (Col. Memória e Sociedade) RJ, ed. Bertrand Brasil.1989. 311 p.
- BOURDIEU,P *Razões Práticas. Sobre a teoria da ação*. Campinas, Papyrus ed. 1996. 231p.
- BULCÃO, L.G. *Profissão e Formação Médicas: Sobre Professores e seus Valores*. Dissertação (mestrado em Saúde Coletiva). Instituto de Medicina Social da UERJ, 2000.
- BURKE,P. *History and Social Theory*. Ithaca, Cornell Un. Press, 1992.
- BURNHAM,J. How the Concept of Profession Evolved in the work of Historians of Medicine. *Bull. Hist. Med.*, 70(1):1-24, 1996.
- COELHO, E. C. *As Profissões Imperiais. Medicina, Engenharia e Direito*. RJ, ed. Record, 1999. 304 p.

ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.

CORADINI, O.L. Grandes Famílias e elites profissionais na medicina no Brasil. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*. 3(2):425-466, nov 1996.

FERREIRA, R A. A Normalização da Medicina no Brasil no Século XX. *Rev. Med. Minas Gerais*, 1999; 9(4):177-183

FREIDSON, E. *Profession of Medicine: A Study of the Sociology of Applied Knowledge*. Chicago Univ. Press, 1970.

_____ *Professionalism Reborn. Theory, Prophecy and Policy*. Chicago Univ. Press, 1994.

LE GOFF, J. História in *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa, Casa da Moeda, 1984

MAGALHÃES, F. *O Centenário da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro 1832-1932*. s/d, Biblioteca IMS/UERJ.

MANCEBO, D. *Da gênese ao compromisso. Uma história da UERJ*. RJ, edUERJ, 1996.

NAVA, P. *O Círio Perfeito*

NAVA, P. *O Galo das Trevas*

PACHECO FILHO, R. *História das lutas e histórias vividas e assistidas*. RJ, Trasso ed., 1995.

PEREIRA NETO, A. F.; ROCHA, S. L. A. Além da norma: sobre dois códigos de ética médica brasileiros (1931-1988). *Saúde em Debate*, n. 46, p. 23-28, mar. 1995.

QUEIROZ, 1995.

REGO S. O processo de socialização profissional In: Machado, Maria Helena. *Profissões de Saúde: uma abordagem sociológica*. Editora Fiocruz. Rio de Janeiro. pp. 119-132, 1995.

SANT'ANNA, Álvaro Cumplido de. *A Faculdade de Ciências Médicas e a U.E.G*. Rio de Janeiro, 1967

SAYD et al. *Memórias da Faculdade de Ciências Médica. O registro de uma geração*. Anais do 36º Congresso Científico HUPE, 1998.

SCHRAIBER, L.B. *O médico e seu trabalho*, São Paulo, Hucitec, 1993.

SANTOS FILHO, L. *História da Medicina no Brasil*, 1992.